

ENTREVISTA COM CARLOS CÂMARA

(Concedida ao colunista de "Inquérito Literário" do jornal **O NORDESTE**, a 11 de maio de 1923).

Perg. — De suas peças anteriores, os tipos são imaginários?

Resp. — Só podem ser escritas peças regionais do gênero que até hoje adotei, quando baseadas em fatos e tipos, como o Zé Fidélis, o Candoquinha, o Cel. Puxavante, a Peraldiana e vários outros que foram, por assim dizer, copiados do natural.

Perg. — De suas peças, qual a que prefere?

Resp. — Dolorosa interrogação. Não lhe posso dizer, ao certo, qual de minhas peças a que prefiro. Dediquei a todas elas o mesmo esforço mental, e mesmo um pai não deve revelar a qual de suas filhas dá preferência...

Perg. — Luta com dificuldade para fazer interpretar pelos amadores do G. Dramático os diversos papéis?

Resp. — Pouca ou nenhuma dificuldade tenho encontrado para fazer interpretar as minhas peças pelos inteligentes amadores, que constituem o elenco do "Grêmio", em sua maioria rapazes e senhoritas de reconhecida propensão para a arte teatral. Além disso procuro, na distribuição dos papéis, aliar as personagens ao gênero e tendência de cada um.

Perg. — Seus trabalhos teatrais são escritos aos poucos, vagarosamente? Quais as horas que prefere para trabalhar? Em que lugar? Quando escreve, auxilia-se de notas diárias, rabiscadas antes? Para imaginar as peças, serve-se de alguém para ensaios?

Resp. — Vamos por parte. Habituei-me, desde que trabalhei na imprensa, a escrever de afogadilho, e, assim, só escrevo para teatro às pressas e quando o Grêmio tem absoluta necessidade de encenar uma peça nova. Quase sempre, antes de concluí-la, inicio os ensaios da parte já escrita. Não tenho preferência de horas, nem de lugar para rabiscar os meus

trabalhos, dedicando-lhes as minhas poucas horas disponíveis e servindo-me para isso de apontamento colhidos **au jour le jour**. Na idealização de determinadas cenas, faz-se mister muitas vezes experimentar-lhes o efeito, pondo à prova, ao mesmo passo, a capacidade das pessoas destinadas à sua interpretação.

Perg. — Ainda pretende continuar a escrever para teatro? De todas as modalidades de criações teatrais qual a que prefere?

Resp. — Nunca tive veleidades literárias. Escrevi a “Bailarina”, despreocupadamente, sem prever o êxito que ela realmente obteve. A sua criação foi meramente fortuita. Fi-la a pedido de rapazes do Grêmio, em oito dias apenas, no auge da precipitação, e quando ainda convalescia da terrível epidemia. Enquanto o “Grêmio” existir e tiver necessidade de novas peças, e não aparecer alguém que me substitua neste árduo mister, eu as irei rabiscando. Assim Deus me dê vida e saúde. O gênero da minha predileção é a alta comédia; mas esta, por mais bem arquitetada que seja, não logrará tão cedo, infelizmente, em parte alguma do Brasil, o elevado número de representações que as peças do gênero ligeiro vão conseguindo. Não tentei até hoje esse gênero pelas razões acima expostas, e mesmo por não me julgar com aptidões necessárias para tão altas cavalarias. Ademais, tenho para mim que os esforços que porventura envidasse e o despêndio que fizesse com a montagem de uma peça de gênero diferente, não alcançaria a devida compensação. Isso não deve ser tomado como a ambição de conquistar glória barata, e sim o desejo de proporcionar diversões ao alcance de todas as inteligências e ao sabor do respeitável público.

Perg. — Que acha do movimento teatral no Brasil? Teremos em breve, um teatro verdadeiramente nacional?

Resp. — Como otimista que sou, julgo deveras promissor o movimento teatral no Brasil, que se enfronha para ter o seu Teatro verdadeiramente nacional. Quem poderá, porém, prefixar a época em que se veja transformada em realidade tão fagueira aspiração?

Perg. — Qual o melhor escritor para teatro no Brasil atualmente?

Resp. — Não sou autoridade para, de entre tantos escritores de que se orgulha contemporaneamente o Brasil Teatral, dizer qual o melhor. O pior sei que sou eu... (sorri). No entanto, permita-me externar aqui a admiração que nutro, de há muito, pela figura fulgurante e fidalga de Renato Vian-

na, cuja ação em prol do nosso teatro há sido uma cruzada titânica, digna dos mais acendrados encômios, e cujas peças podem rivalizar com os mais finos labores da intelectualidade teatral do mundo inteiro.

Perg. — E dos já mortos, qual o que mais admira?

Resp. — Artur Azevedo é para mim o de maior vulto, por ter sido o fino observador dos homens e coisas do nosso país.

Perg. — No Ceará existem outros escritores teatrais?

Resp. — Existem no Ceará vários escritores teatrais, de merecimento e vocações incontestes. Pápi Júnior, por exemplo, além de romancista de rija enfiatura, que todos admiram e proclamam, é, inquestionavelmente, um profundo conhecedor da literatura e da técnica teatrais, tendo produzido peças como “O Corisco”, que fez época, em nossa terra. Aduauto Fernandes deu-nos o “É no duro”..., representado no Teatro José de Alencar e tem escrita uma outra, intitulada “O Inocente”. Vicente Gondim é autor de duas peças magníficas, e Carlos Severo tem uma grande bagagem de peças do gênero burlesco, algumas das quais fizeram as delícias de nossas platéias. Além desses, temos Aristófanes Bezerra, autor da burleta “Cresça e Apareça”, representada com sucesso pelo “Grêmio”, e Waldemar de Queirós, que, muito jovem ainda, escreveu uma revista de costumes, levada à cena há dois anos nesta capital; e Aníbal Mascarenhas, autor da peça em 1 ato — “Ninho de Beija-Flor”, que será encenada brevemente.

Perg. — O nosso meio é próprio para o Teatro Regional? Não acha que seja infenso para o teatro em geral, pois não temos um público educado e muito menos crítico de arte? Que acha do jornalismo: é um fator bom ou mau para o Teatro?

Resp. — Quanto à predileção do nosso público pelo Teatro Regional, o melhor atestado é o acolhimento fervoroso e vivificante até hoje dispensado ao G.D. Familiar, que se vê cercado das mais animadoras simpatias. O nosso povo não é infenso ao teatro. Venham boas companhias a Fortaleza, com elementos de valor e repertório escolhido, e de certo lograrão o mesmo êxito alcançado pelas companhias Rentini, Lucília Peres e várias outras. Poucos críticos de arte, na verdadeira acepção do termo, têm aparecido na imprensa indígena. O jornalismo, aliás, há sido sempre, em toda parte e em todas as épocas, um dos fatores essenciais, e do mais elevado alcance, na vida teatral.